

«El geógrafo trabaja en su casa»: espaços portugueses na produção cartográfica de Tomás López

João Carlos Garcia

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Estudos Geográficos – Fundação da Universidade de Lisboa

Luís Miguel Moreira

Doutorando do Instituto de Ciências Sociais - Universidade do Minho

Na segunda metade do século XVIII, a consolidação dos projectos políticos ibéricos, apoiada na centralização do poder, exigia um rigoroso conhecimento geográfico e uma renovação cartográfica para as diferentes regiões da Península. Neste quadro, destaca-se o papel desempenhado por Tomás López de Vargas Machuca (1730-1802), geógrafo do rei de Espanha e autor e editor de alguns dos mais importantes mapas impressos do Portugal de Setecentos.

Vários estudos, inventários e catálogos sobre a sua obra cartográfica foram recentemente publicados, o que permite analisar essas imagens impressas sobre os espaços portugueses quanto às suas fontes, aos seus elementos e conteúdo, e ao seu processo de produção, do desenho à gravação, edição e difusão¹. Face à quase inexistência de mapas de Portugal elaborados por autores portugueses ao longo do século XVIII é também, e finalmente, a cartografia espanhola que reconstrói, vende e reparte imagens do País, entre os círculos de poder (civis e militares) e os círculos intelectuais.

¹ Ver Felicidad PATIER, *La Biblioteca de Tomás López, seguida de la relación de mapas impresos, con sus cobres, y de los libros del caudal de venta que quedaron a su fallecimiento en Madrid en 1802*, Madrid, Ediciones El Museo Universal, 1992; Carmen LÍTER e Francisca SANCHIS BALLESTER, *Tomás López y sus colaboradores*, Madrid, Biblioteca Nacional, 1998; *id.*, *La obra de Tomás López. Imagen cartográfica del siglo XVIII*, Madrid, Biblioteca Nacional, 2002; Antonio LÓPEZ GÓMEZ e Carmen MANSO PORTO, *Cartografía del siglo XVIII. Tomás López en la Real Academia de la Historia*, Madrid, Real Academia de la Historia, 2006.

1. Vida e obra de um cartógrafo

Tomás López de Vargas Machuca nasceu em Madrid, em 1730². Entre 1749 e 1751, estudou Matemática e Retórica com os professores jesuítas do Colégio Imperial, particularmente com o checo Joannes Wendlingen, e desenho na Real Academia de Belas Artes de San Fernando, em Madrid, sob a protecção do antigo secretário de Estado de Filipe V, o 1º Marquês de Villarías. Em Espanha, como em Portugal, fazia-se então sentir a influência da Europa Central no ensino das Ciências, em especial da Astronomia e da Matemática³.

Sob a orientação dos célebres Jorge de Juan e António de Ulloa, membros da expedição científica coordenada por Charles de La Condamine à América do Sul (1735-44), participou na comissão de trabalhos para o levantamento topográfico do Real Bosque de Viñuelas, em 1752⁴. Nesse mesmo ano partiu para Paris, por proposta do poderoso Conselheiro de Estado de Fernando VI, o Marquês de la Ensenada, com Juan de la Cruz Cano y Olmedilla, outro futuro cartógrafo de renome, como “Pensionistas de Sua Majestade” para se aperfeiçoarem na arte de gravação de mapas, estudar Geografia e preparar um mapa de Espanha. Na capital francesa permaneceu até 1759, frequentando o Colégio Mazarino, assistindo às lições do Abade de La Caille, e o estúdio de Jean Baptiste Bourguignon d’Anville onde conheceu outro reputado cartógrafo e geógrafo francês, Guillaume Nicolás Delahaye. De 1755 datam os primeiros trabalhos cartográficos dados à estampa, em colaboração com Cruz Cano y Olmedilla. Estabelecido em Madrid, desde 1760, recebe da Coroa uma pensão anual, como gravador régio e professor, colaborando com a Real Academia de Belas Artes de San Fernando, primeiro como académico supranumerário e, desde 1764, como académico de mérito.

Como geógrafo e “cartógrafo de gabinete” desenvolveu ao longo de décadas uma prolífica produção cartográfica, sobre a Península Ibérica e os domínios coloniais espanhóis, mas também sobre muitas e diversas regiões do Mundo⁵. A escola francesa de Cartografia e d’Anville são os modelos seguidos de perto, para essa “fábrica de mapas” impressos, organizada por López, que nunca antes existira em Espanha ou Portugal. Finalmente, em 1770, Carlos III concede-lhe o título de Geógrafo dos Domínios de Sua Majestade. Faleceu em Madrid, em 1802, sendo os seus filhos os continuadores da grande empresa editorial cartográfica.

Ao longo da sua vida editorial (1755-1802), Tomás López publicou uma vasta obra que pode ser classificada em três tipos principais: as obras de Cosmografia, de História, de Geografia e de Corografia; os livros de técnicas e métodos cartográficos; e os atlas e mapas. De toda a sua produção os atlas e, sobretudo, os mapas, constituem o núcleo principal. Considerando apenas a primeira edição e não contabilizando os mapas elaborados em parceria com os seus filhos e outros colaboradores, podemos computar em mais de duzentos os mapas editados.

² Sobre a vida e obra de Tomás López e a bibliografia passiva existente ver Agustín HERNANDO, «Panorama cartográfico de la España del siglo XVIII: los mapas creados por Tomás López (1730-1802)», *Mapping. Revista Internacional de Ciencias de la Tierra*, 116, (2007), 14-20.

³ Ver István RÁKÓCZI, «Padre de Escola e Escola de Padres: o contributo de Ignác Szentmártonyi S.I. para o levantamento científico da bacia amazónica», in Rákóczi István *Mares Literários Luso-Húngaros*, Lisboa, Edições Colibri, 2003, 51-66.

⁴ Ver Antonio LAFUENTE e Antonio MAZUECOS, *Los Caballeros del Punto Fijo. Ciencia, política y aventura en la expedición geodésica hispanofrancesa al virreinato del Perú en el siglo XVIII*, Barcelona, Ediciones del Serbal / CSIC, 1987.

⁵ Cf. Rodolfo NÚÑEZ DE LAS CUEVAS, «Cartografía Española en el Siglo XVIII», in *Astronomía y Cartografía de los siglos XVIII y XIX*, Madrid, Observatorio Astronómico Nacional e Instituto Geográfico Nacional, 1987, 56-57; *id.*, «Historia de la Cartografía Española», in *La Cartografía de la Península Ibérica i la seva extensió al Continent Americà*, Barcelona, Institut Cartogràfic de Catalunya, 1991, 188-191.

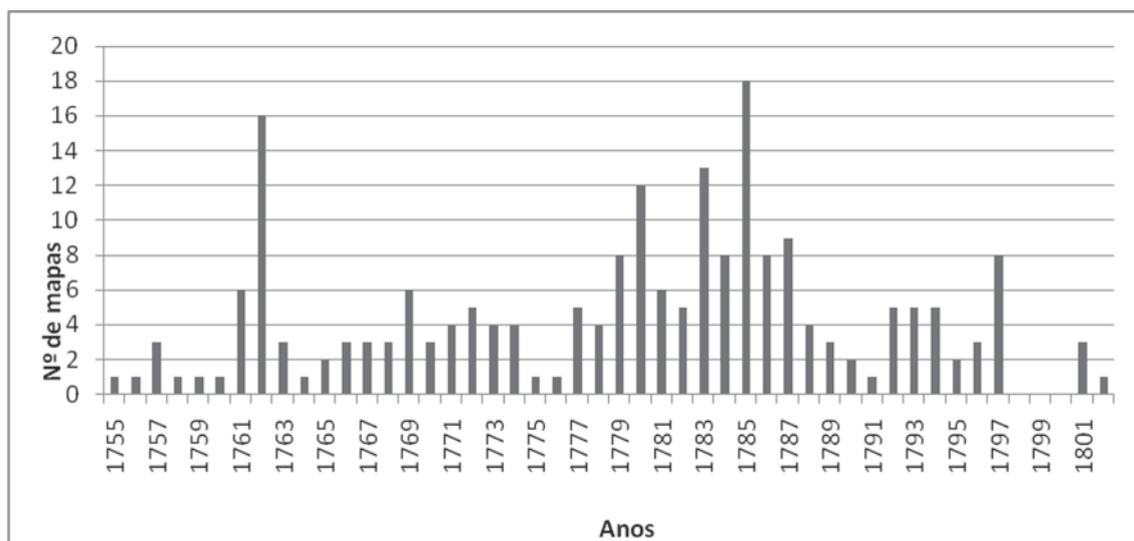


Fig. 1 – Evolução da produção cartográfica de Tomás López, 1755 – 1802.

Como se comprova pela análise da figura 1, a produção editorial não foi linear nem constante, antes apresenta alguns períodos de grande actividade que alternam com outros de menor produção. Entre 1755 e 1760, período que coincidiu com a estada em Paris, a produção de López foi relativamente escassa. De 1761 até 1776, os trabalhos cartográficos aumentaram, passando de 1 para 3 mapas editados por ano. A excepção reside nos anos de 1761-1762, que coincidiram com a denominada “Guerra Fantástica” e a consequente invasão espanhola a Portugal⁶. Os mapas publicados nestes dois anos, 22 no total, serviriam para informar o público, contextualizando espacialmente, os acontecimentos políticos e militares.

Entre 1777 e 1780, assiste-se a um novo aumento na edição cartográfica (a média subiu para 7 mapas por ano), que poderá estar relacionado com mais um conflito diplomático entre Portugal e Espanha, desta feita a propósito dos territórios na América do Sul e que culminou na assinatura do tratado de Santo Ildefonso, em 1777, bem como na evolução dos acontecimentos da Guerra da Independência dos Estados Unidos da América.

Os anos de 1783 a 1787, corresponderam a um grande aumento da publicação de mapas (a média subiu para 11 mapas por ano), que pode estar associado à composição das imagens cartográficas dos Reinos e Províncias de Espanha, destinadas a ilustrar o *Dicionário Geográfico-Histórico de Espanha*, obra maior da Real Academia de la Historia, e pela qual López demonstrava grande apreço⁷.

Do final da década de 1780 até à sua morte, López publica, em média, menos de 3 mapas por ano. A idade avançada e o desempenho do cargo de tesoureiro da Real Academia de la Historia, desde meados da década de 1790, podem ter contribuído para estes resultados.

⁶ Sobre este conflito, ver António BARRENTO, *Guerra Fantástica 1762. Portugal, o Conde de Lippe e a Guerra dos Sete Anos*, Lisboa, Tribuna da História, 2006.

⁷ Carmen MANSO PORTO, «La colección de mapas y planos manuscritos de España y los atlas de Tomás López en la Biblioteca Nacional», *Boletín de la Real Academia de la Historia*, t. CXCIX (2002), 118. Com este propósito, o autor enviou um inquérito impresso aos seus correspondentes nas diferentes Províncias e Reinos de Espanha. A partir das informações recolhidas, López compunha novos mapas, emendando e acrescentando pormenores.

2. Mapas elaborados sobre espaços portugueses

Entre o vasto universo cartográfico editado exclusivamente por Tomás López, os espaços portugueses representam muito pouco, quer em quantidade, quer em diversidade. Com base no levantamento das 389 obras do autor elaborado por Carmen Liter *et al.* (2002), sem contabilizar atlas ou variantes dos mapas avulsos, encontramos um total de 20 mapas, entre folhas soltas e imagens inseridas em atlas, alguns com mais de uma edição, e que em função dos espaços geográficos figurados, se podem repartir entre: Portugal, províncias de Portugal, vistas de Lisboa, e de entre os territórios ultramarinos, alguns troços do litoral do sul do Brasil (ilha de Santa Catarina, Rio Grande de São Pedro e Colónia do Sacramento) e o Golfo da Guiné. Finalmente, também Tomás López em colaboração com o filho Juan López ou os seus sucessores, produziram outros mapas ligados a Portugal, como o do arquipélago dos Açores (1781) ou, à semelhança de outros congéneres estrangeiros, ensaiaram reconstituições cartográficas de espaços do passado, como foi o da província romana da Lusitânia (1789). Sobre a obra exclusiva de Tomás López comentaremos cada conjunto de mapas e, dentro dele, cada imagem.

Portugal

Ainda estabelecido em Paris, López editou, entre 1756 e 1757, um pequeno atlas de bolso intitulado *Atlas Geographico del Reyno de España e Islas Adyacentes, con una breve descripción de sus Provincias* e que também seria publicado posteriormente em Madrid⁸. Tratava-se de um atlas composto por 21 mapas, dedicado a D. Jaime Massones de Lima, embaixador espanhol em Paris, e que conheceu um relativo êxito editorial⁹.

O mapa do *Reyno de Portugal* ali incluído é de pequenas dimensões (10 x 12 cm) e a sua escala aproximadamente de 1/7 400 000. O mapa surge dentro de uma esquadria graduada em latitude e longitude, e está acompanhado por uma breve resenha histórico-geográfica do país, destinada a informar o grande público.

Dada a sua reduzida dimensão e o pouco pormenor, entre os fenómenos cartografados distinguem-se apenas três. Como não foi contemplada a distribuição do relevo, talvez para não sobrecarregar o fundo do mapa, o que mais se destaca é a rede hidrográfica com os principais rios. O povoamento foi figurado através de três símbolos diferentes, para indicar as cidades, as vilas e os restantes lugares. Finalmente, o autor inseriu a divisão provincial, ainda que com os contornos que surgiam frequentemente na cartografia do século XVII onde, por exemplo, se estendiam os limites da Província de Trás-os-Montes para sul do rio Douro de forma a incluir o território de Riba Côa (Comarca de Pinhel)¹⁰.

Em 1762 a invasão e conseqüente ocupação espanhola da Província de Trás-os-Montes correspondeu ao auge da Guerra Fantástica. Tomás López, entretanto estabelecido em Madrid como gravador e editor, publicou o *Atlas d'Espagne et du Portugal* de Nicolas du Trallage (Sr. De Tillemont) e do Abade Michel Antoine Baudrand, também publicado em Paris por J.B. Nolin nesse mesmo ano¹¹. Ao que tudo indica, López elaborou o *Mapa del Reyno de Portugal* que terá sido incluído nesse atlas mas, numa nota na margem, o autor indicava que “ (...) este Mapa General, con las seis Provincias separadas, donde por menor se expresan los Pueblos de Portugal, forman el Atlas completo de este Reyno”.

⁸ Horacio CAPEL, 1982, *Geografía y Matemáticas en la España del siglo XVIII*, Barcelona, Oikos-Tau, 154.

⁹ Esta seria uma receita seguida por López, cujos atlas de bolso garantiam sempre um sucesso editorial e, por conseguinte, financeiro.

¹⁰ A este propósito ver Suzanne DAVEAU, «O Conteúdo Geográfico da Descrição do Reino de Portugal», in *Descrição do Reino de Portugal* de Duarte Nunes do Leão, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2002, 90-91.

¹¹ Veja-se o exemplar que se conserva na Biblioteca Nacional de Portugal, na Área de Reservados, sob a cota D.S. XVIII – 327.

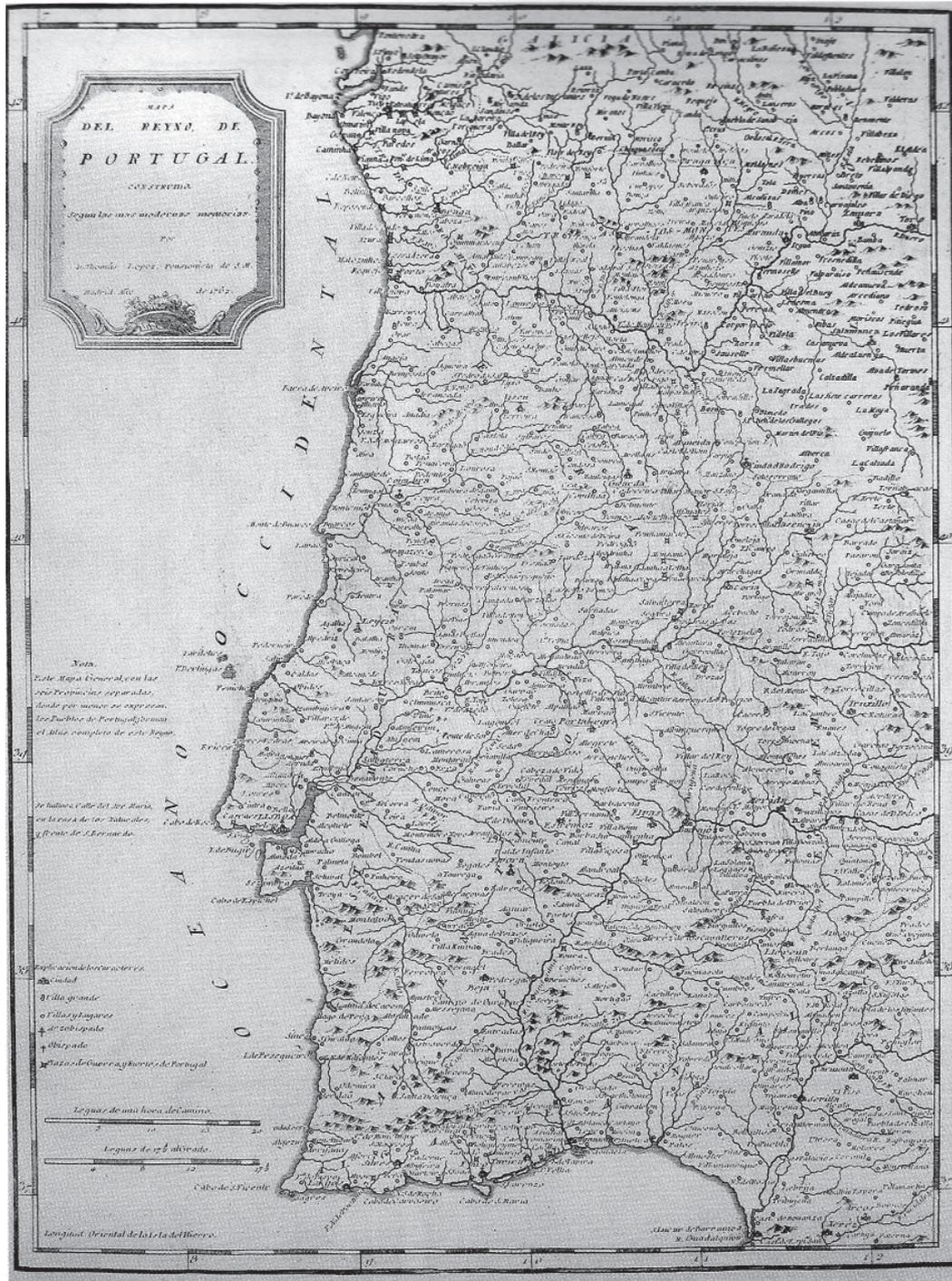


Fig. 2 – Mapa del Reyno de Portugal. Construido, segun las mas modernas memorias. Por D. Thomás López Pensionista de S.M. – Escala [ca. 1:1 600 000]. – Madrid: [Tomás López], 1762. – 1 mapa : grav., p&cb ; 40,5 x 30,0 cm

Este atlas nunca foi divulgado autonomamente mas, no entanto, Tomás López publicou de forma independente os mapas das seis províncias portuguesas, pelo que, coligindo os vários mapas editados em 1762 era possível compor um “Atlas de Portugal” factício¹². Refira-se que, nesse mesmo ano, era publicado em Londres e em edição bilingue (português-inglês) um mapa de Portugal de grandes dimensões editado por Thomas Jefferys e que conheceu ampla circulação entre nós, até porque, atendendo ao enquadramento geopolítico, seria mais fácil adquirir um mapa dos aliados do que dos inimigos¹³.

O *Mapa del Reyno de Portugal. Construido, segun las mas modernas memorias*, tem 41 x 30 cm e a sua escala é de cerca de 1/ 1 600 000 (ver figura 2). Apresenta uma graduação de latitude e longitude, sendo esta referida ao meridiano da ilha do Ferro. O mapa mostra a distribuição do relevo figurado por pequenos montes, dispostos de uma forma quase aleatória sobre o território, estando, na sua maioria, sem qualquer identificação. Por exemplo, a norte do rio Douro, apenas encontramos a “serra de Momil”, na Província de Trás-os-Montes. A rede hidrográfica é o fenómeno que mais se destaca do fundo do mapa. A sua configuração parece mais completa e cuidada e o autor identifica os rios mais importantes de Norte a Sul do país. As localidades foram representadas de acordo com uma hierarquia que contabilizou as cidades, as vilas grandes e as vilas e lugares, indicando-se, também a sua condição eclesiástica no caso dos arcebispados e bispados. Dado tratar-se de um mapa editado num período de guerra, o autor também indicou a localização das praças e fortes militares portugueses.

No final da década de 1770, de forma a ilustrar as recentes vitórias diplomáticas e militares espanholas, a propósito dos territórios ultramarinos do Rio da Prata, Tomás López publicou uma série de mapas, entre os quais um particular mapa de Portugal¹⁴. Este “monumento” datado de 1778 é de grandes dimensões (144 x 80 cm), e foi publicado em oito folhas, numa escala de cerca de 1 / 450 000, o que possibilitava uma representação bastante pormenorizada dos fenómenos (ver figura 3).

Na cartela do mapa, a par do título e da dedicatória, Tomás López apresentou-se, pela primeira vez, como geógrafo da Real Academia de la Historia, ainda que, naquele ano, fosse apenas membro supranumerário. Para poder usufruir desse privilégio, redigiu um pedido especial à Academia que consentiu, e daí se explica a dedicatória a D. Pedro Rodriguez Campomanes, Conde de Campomanes, director da instituição¹⁵. O reconhecimento como membro da Academia era uma forma de valorização pessoal, social e profissional, pelo que o autor terá prestado algum cuidado na concretização do mapa: uma nota marginal dá conta do enorme rol de fontes consultadas para a elaboração da imagem.

¹² Tal parece ser o caso do atlas factício que se conserva na Biblioteca Pública Municipal do Porto com o título *Atlas du Portugal & d'Espagne par Thomas Lopez, Géographe à sa Majesté Catholique*, sob a cota C - M & A – Pasta 21. Para além do mapa de Portugal, também figuram, entre outros, os mapas das seis províncias portuguesas. Este atlas terá pertencido a Luís Pinto de Sousa Coutinho, 1º Visconde de Balsemão, político e diplomata português de grande destaque no último quartel de Setecentos. Este atlas será analisado com maior detalhe.

¹³ Em 1766, Charles Dumouriez, agente secreto ao serviço de França, realizou uma viagem por Portugal. Ao analisar o último conflito entre Portugal e Espanha, em 1762, chamava a atenção para a escassez de bons mapas para uso dos militares e, dos existentes, o melhor era o de Jefferys (cf. Charles François DUMOURIEZ, *O Reino de Portugal em 1766*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2007, 14).

¹⁴ Entre 1776 e 1777, pairou a ameaça de conflito armado entre os dois reinos ibéricos. O governo português, ainda sob o consulado do Marquês de Pombal, chegou a mobilizar efectivos militares para a fronteira terrestre. Contudo, o conflito armado apenas teve lugar na Colónia do Sacramento e nos territórios do sul do Brasil.

¹⁵ Todo este processo pode ser acompanhado em Carmen MANSO PORTO, «La colección», 114.



Fig. 3 – *Mapa General del Reyno de Portugal*. Por Don Tomás López Geografo de Los Dominios de S.M. – Escala [ca. 1:450 000]. – Madrid: [Tomás López], 1778. – 1 mapa em 8 folhas: grav., p&b ; 144 x 80 cm

Numa análise mais atenta aos fenómenos inscritos sobre o fundo do mapa, constata-se que, na representação do relevo, o autor recorreu à figuração de sucessivos montes triangulares desenhados em perspectiva, delimitando as cordilheiras, mas sem qualquer correspondência com a sua direcção, extensão e altitude. Desta forma, a Província do Alentejo surge amplamente coberta por cordilheiras, transformando-se numa das províncias mais montanhosas do País...O autor procurou identificar as serras portuguesas, mas os nomes de muitas não foram inscritos.

López também prestou particular atenção à rede hidrográfica, uma vez que a escala do mapa permitia uma representação relativamente completa dos rios portugueses. O autor identifica não só os principais como muitos dos secundários e outros afluentes, ainda que nem sempre o tenha feito correctamente. Também à semelhança do que acontecera com a representação do relevo, a Província do Alentejo parece possuir uma rede hidrográfica bastante densa, mesmo tendo em conta que alguns dos cursos de água figurados não seriam permanentes.

O povoamento foi representado em quatro categorias: cidades; vilas grandes; vilas e lugar e paróquia, cada um com um símbolo diferente. Para cada localidade foi indicada a sua hierarquia religiosa, desde arcebispado, bispado, colegiada, priorado da Ordem de Cristo ou Comenda da Ordem de Malta ou de Avis, bem como a sua relação com a hierarquia da nobreza portuguesa, distinguindo-se os ducados, marquesados, condados, viscondados e baronias.

De todos os fenómenos figurados, a rede viária é um dos que merecem maior destaque no mapa e foi representada com algum cuidado. Como veremos adiante, o autor já havia incluído a rede viária de Portugal nos mapas das províncias, editados em 1762, mas não com o grau de pormenor agora apresentado e que se deveu, segundo o próprio autor, à informação fornecida por João Baptista de Castro no seu *Mapa de Portugal*.

O autor figurou, ainda, os limites das divisões administrativas distinguindo as províncias e, dentro destas, as respectivas comarcas. Como complemento desta informação, o cartógrafo indicou as localidades sedes de ouvidorias, provedorias, coutos ou concelhos, com um símbolo correspondente. Para além de toda esta vasta informação, López incluiu a localização dos fortes e das praças de guerra de Portugal e indicou a situação de algumas explorações mineiras.

Uma vez que o próprio autor apresenta uma longa lista de fontes cartográficas, decidimos realizar alguns exercícios de confrontação entre estas e o próprio mapa. A repartição cronológica das datas de edição das obras impressas tem, naturalmente, uma relação directa com a participação de Portugal na História política do século XVIII peninsular: os títulos em torno da Guerra da Sucessão de Espanha de (1704), do conflito diplomático de 1735, da Guerra Fantástica de 1762, do Tratado de Santo Ildefonso, de 1777. São cerca de três dezenas os cartógrafos e editores presentes, mas muito desigualmente repartidos entre as escolas nacionais: quase metade (42%) são franceses, depois os holandeses (23%), os portugueses (13%) e os espanhóis (10%), por fim os italianos (7%), os alemães (3%) e os ingleses (3%).

A escola francesa que formou o cartógrafo espanhol está amplamente representada na lista estabelecida, com onze autores dos séculos XVII e XVIII, embora para a maioria não se indiquem obras concretas e apenas “mapas”¹⁶. Entre os primeiros está Pierre Duval, depois Nicolas de Fer, os Jaillot, Pierre Mortier, Placide de Sainte Hélène, os Robert de Vaugondy, e os Sanson, Jean Baptiste Nolin (*Mapa del Reyno de Portugal*, de 1704), Gaspar Bailleu, Pedro Gendron (*Mapa de Portugal*, de 1754) e Jacques Nicolas Bellin, de quem se recordam três mapas: a *Carta reducida de las costas de España y Portugal* e o *Plano del Puerto de Lisboa y de las costas inmediatas*, ambos de 1756, e o *Mapa de Portugal y sus fronteras*, de 1762. Os dois primeiros integrariam a obra coordenada por Bellin, *L'Hydrographie Française...*, publicada em Paris, em 1756, e o terceiro é *Le Portugal et ses frontieres*

¹⁶ Ver INSTITUT CARTOGRÀFIC DE CATALUNYA, *La Cartografia Francesa*, Barcelona, ICC, 1996.

avec l'Espagne, editado por ordem do Ministro da Guerra e da Marinha, o Duque de Choiseul, aquando da Guerra Fantástica.

São sete de entre os mais famosos cartógrafos e editores holandeses citados por López como autores de atlas e de “mapas” (e a este termo se resume a referência), consultados para a elaboração da imagem de conjunto de Portugal¹⁷. Alguns do século XVII, a maioria activos entre a segunda metade de Seiscentos e a primeira metade de Setecentos: Johannes Ram, Frederik de Wit (*Mapa General de Portugal*), Pieter van der Aa, as famílias Allard e Danckerts, François Halma, Nicolas Visscher (*Mapa General de Portugal*). São nomes que nenhuma bibliografia que procura crédito pode esquecer.

As notícias sobre as fontes portuguesas repartem-se entre mapas e textos. Os “mapas” são apenas os de Fernando Álvares Seco e de João Baptista Lavanha¹⁸. Do primeiro conhecemos muitas cópias e variantes, a diversas escalas, avulsas ou folhas de atlas, desde 1561, e particularmente desde 1570, quando Abraham Ortelius o integrou no seu *Theatrum Orbis Terrarum*; do segundo não sabemos a que López se refere, já que a única imagem de Portugal conhecida, relacionada com Lavanha, é a desenhada sobre o fol. 7 r., do atlas-cosmografia atribuído a João Baptista Lavanha e Luís Teixeira, de 1597-1612, intitulado *Description de la Tierra*, existente na Biblioteca Reale, em Turim¹⁹. Por fim, o modelo incontornável para toda a cartografia do século XVIII, o mapa de Portugal de Pedro Teixeira Albernaz, dedicado a Filipe IV e publicado em Madrid, em 1662. Sabedor das críticas ao mapa, diz López: “El Mapa primitivo, y que puede llamarse original, es el de Teixeira: por el que sacaron las primeras copias, y despues se trasladaron unos a otros, desfigurando el original.”

Os autores portugueses de textos são os eruditos antiquários quinhentistas André de Resende, e as *Antiguidades da Lusitânia* (1593), e Gaspar Estaço e as *Antiguidades de Portugal* (1625); Bernardino de Santo António, trinitário da primeira metade do século XVII e a sua *Descrição do Reyno de Portugal*, manuscrito referido por Barbosa Machado²⁰, e os corógrafos de Setecentos, Luís Caetano de Lima, que López diz ter redigido uma *Geografia Histórica de Portugal*, e não a *Geografia Histórica de todos os estados soberanos da Europa*, de 1734-36, que inclui o primeiro conjunto de mapas de Portugal e das suas províncias gravado por Charles de Grandpré, e João Baptista de Castro, com um *Mapa de Portugal Antigo e Moderno*, o que quer dizer a segunda edição da obra, editada em Lisboa, em 1762-63, com uma nova versão das imagens de Grandpré gravadas por Laurent²¹. Restaria saber o que na verdade foi aproveitado de toda esta bibliografia²².

Estranhamente, não são muitas as fontes espanholas utilizadas para o mapa de Portugal. Primeiro refere-se um mapa manuscrito da *Província de Estremadura y parte del Reyno de Portugal y Algarve*, do Mestre de Campo,

¹⁷ Ver INSTITUT CARTOGRÀFIC DE CATALUNYA, *La Cartografia dels Països Baixos*, Barcelona, ICC, 1994.

¹⁸ Sobre a Cartografia portuguesa do século XVI, ver Maria Fernanda ALEGRIA, Suzanne DAVEAU, João Carlos GARCIA e Francesc RELAÑO, «Portuguese Cartography in the Renaissance», in *The History of Cartography*, III, 1, Chicago e Londres, The University of Chicago Press, 2007, 975-1068.

¹⁹ Armando CORTESÃO e Avelino Teixeira da MOTA, *Portugaliae Monumenta Cartographica*, Lisboa, Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1962, IV, est.428-B.

²⁰ Ver Diogo BARBOSA MACHADO, *Bibliotheca Lusitana historica critica e cronologica*, Lisboa, Antonio Isidoro da Fonseca, I, 1741, 516.

²¹ Cf. João Carlos GARCIA, «A configuração da fronteira luso-espanhola nos mapas dos séculos XV a XVIII», *Treballs de la Societat Catalana de Geografia*, Barcelona, XI, 41, (1996), 293-321.

²² No caso do *Mapa de la Lusitania Antigua, con su correspondência moderna*, dedicado por Juan López ao Conde de Floridablanca, Ministro de Estado de Carlos III, evoca-se como fonte o roteiro existente no final da obra de João Bautista de Castro: “Por el están corregidas las vías Militares, ó los Itinerarios Romanos de Antonino Pio, habiendo procurado toda la exactitud posible en tan ardua empresa.” (Carmen LÍTER e Francisca SANCHIS BALLESTER, *Tomás López*, 54). Juan López refere textos e mapas, quer de autoridades clássicas, quer de humanistas, quer ainda de contemporâneos, que tentaram reconstituições da Hispânia: os textos de Pompónio Mela, de Plínio, de Estrabão e de Ptolomeu, a *Monarchia Lusitana* dos alcobacenses Fr. Bernardo de Brito e Fr. António Brandão, as *Antiguidades da Lusitânia* de André de Resende, a *España Sagrada* de Henrique Florez, e os mapas de Ortelius, de J.B. D’Anville, dos Sanson e dos Robert de Vagondy.

D. Luis Venegas, de 1666²³; depois, um *Mapa o Descricion del Reyno de Portugal y sus confines con Castilla*, de Antonio Vizarrón, de 1704, o que remete uma vez mais para a participação portuguesa no conflito europeu em torno da sucessão ao trono espanhol, como ocorre com os “varios planos topográficos e geográficos del Caballero Palhota, delineados el año de 1704”. Um dos “planos” é o mapa dos territórios fronteiriços entre Portugal e Espanha, testemunhando as campanhas militares de Filipe V, intitulado *Corografia perteneciente a las dos Provincias de la Veira y del Alentejo de Portugal*, coordenado pelo famoso cartógrafo francês Nicolas de Fer, publicado em Madrid, por Felipe Pallota, em 1704, e provavelmente complementar da obra de Antonio Ubilla y Medina, Marquês de Ribas, *Succession de el Rey D. Phelipe V en la Corona de España* (Madrid, 1704). Finalmente, o *Mapa ó descripcion del Reyno, y fronteras de Portugal*, editado em Madrid, em 1762, e incluído na obra de Pedro Rodríguez, Conde de Campomanes, *Noticia Geografica del Reyno, y caminos de Portugal*²⁴.

São dois os cartógrafos italianos presentes na lista de López: Giacomo Cantelli da Vignola, geógrafo do Duque de Modena, e o seu mapa intitulado *Il Regno de Portogallo*, de 1692²⁵, e Giovanni Rizzi Zannoni, que trabalhou em França nas décadas de 1760-70, e publicou em Paris, em 1762, o *Mapa dos Reynos de Portugal e Algarve feita sobre as Memorias Topografica de D. Vasque de Cozuela as do P. Lacerda e varias outras*. O título encontra-se também em francês, no topo do mapa e, na base, a “legenda” testemunha as razões da publicação, durante a Guerra Fantástica: “Les Marches et les campemens des Armés Espagnols sont exprimes par des traits rouge. Celles de l’Armée combinée d’Angleterre et de Portugal par des traits [verdes]”.

O único cartógrafo alemão citado é Johann Baptist Homann que no contexto do apoio de Portugal à causa do Arquiduque Carlos de Áustria, ca. 1704, publicara um mapa de Portugal com as suas províncias e largas faixas fronteiriças dos reinos espanhóis contíguos e uma complementar “janela” figurando o Brasil. A fonte utilizada por López é, porém, um outro mapa preparado ou não por Homann, mas que remete para a sua autoridade, já que são os seus herdeiros que o dão à estampa, em Nuremberga, em 1736, a partir do mapa de Portugal, de Jean-Baptiste Nolin, editado em Paris, em 1704²⁶.

Embora na lista de López apenas um cartógrafo inglês seja referido, Thomas Jefferys, facilmente é possível identificá-lo como o autor da fonte mais provável e próxima do mapa de 1778: o *Mappa ou Carta Geographica dos Reinos de Portugal e Algarve*, editada em Londres, em 1762, cuja escala é semelhante ao mapa de 1778, de López. O cartógrafo espanhol, a partir do protótipo inglês, terá procedido a algumas alterações, acrescentando um ou outro detalhe e aumentando, consideravelmente, a toponímia. No entanto, a generalidade da linha de costa, a configuração dos limites provinciais, a rede hidrográfica, etc., mantêm a mesma configuração.

A publicação da lista de obras existentes na biblioteca de Tomás López permite uma comparação entre a divulgada pelo cartógrafo na ampla cartela do mapa de Portugal, de 1778, que acabamos de comentar, e

²³ Que Tomás López já utilizara na elaboração do *Mapa de la Provincia de Estremadura*, editado em Madrid, em 1766 (cf. Carmen LÍTER, Francisca SANCHIS BALLESTER e Ana HERRERO VIGIL, *Cartografía de España en la Biblioteca Nacional (siglos XVI al XIX)*, Biblioteca Nacional – Ministerio de Cultura, Madrid, 1994, II, 83).

²⁴ Esta obra foi, recentemente, editada em Espanha por José María SANCHEZ MOLLEDO y José María NIETO CALLÉN, Madrid, Miraguano, 2006.

²⁵ O mapa de Cantelli, juntamente com o de Pedro Teixeira Albernaz, de 1662, serão as fontes evocadas para compor o já referido mapa inserto na obra de Pedro Rodríguez Campomanes, de 1762.

²⁶ Como produção maior da casa editorial dos Herdeiros de Homann refere López a grande colectânea publicada em 1753, a partir da qual utilizaria muitas imagens: «Los mejores mapas que existen en el día de este Imperio, son los de los Homannes de Nuremberga, cuja coleccion primera, salio en 1753 baxo el titulo. Atlas Germanice Specialis &c. Comprehende esta coleccion todos los mapas publicados hasta fin de 1752, cuió numero sube a 125, que componen 146 hojas...» (Carmen LÍTER e Francisca SANCHIS BALLESTER, *Tomás López y sus colaboradores*, Madrid, Biblioteca Nacional, 1998, 116).

aquela²⁷. Afinal, qual o conhecimento que o autor diz ter sobre Portugal (Geografia e História) e que utiliza para a elaboração dos seus mapas, e qual o que tem (ou pode ter) na realidade?

Um primeiro núcleo de obras corresponde aos meados da década de 1730, quando as relações diplomáticas e políticas entre os países peninsulares conheciam um momento de forte tensão. Por um lado, deparamos com os clássicos franceses sobre Portugal e o seu império marítimo, J. F. Lafitau com a *Histoire des découvertes et conquêtes des Portugais* (Paris, 1733) e La Clede, com a *Histoire Générale de Portugal* (Paris, 1735); por outro, a já referida *Geografia Histórica de todos os estados soberanos da Europa* (Lisboa, 1734-36), de Luís Caetano de Lima, com os seus mapas das províncias de Portugal, gravados por Grandpré, no quadro da Academia Real da História Portuguesa²⁸. Apenas este último é referido no mapa de 1778.

O mais significativo núcleo de obras corresponde, pela data de edição, ao contexto da Guerra Fantástica. Entre os autores espanhóis estão Rodríguez Campomanes (um dos mecenas), com a *Noticia geografica del Reyno y caminos de Portugal* (Madrid, 1762), Juan Gonzalez, com a *Nueva corografica description de Portugal* (Sevilha, 1762) e Francisco Mariano Nifo, com a *Descripción historica y geografía del Reyno de Portugal* (Madrid, 1762). A estes se junta Gerónimo de Mascarenhas, o aristocrata português que optando pela causa ibérica, Filipe IV fez bispo de Segóvia, e que publica *Campaña de Portugal por la parte de Estremadura el año de 1662 executada por el Serenissimo Señor Don Juan de Austria...* (Madrid, 1663). Da obra tem López a edição de Madrid, de 1762. Finalmente, dos prelos portugueses possui de João Baptista de Castro, a já referida 2ª edição do *Mapa de Portugal* (Lisboa, 1762).

Deste notável conjunto, encontramos arrolados na cartela do mapa de Portugal de 1778, apenas Campomanes e Baptista de Castro, os autores mais conhecidos e politicamente correctos para o público português, onde López previa estarem os possíveis compradores; os outros ou são traidores ou apologistas das façanhas militares espanholas.

Com datas posteriores a 1762 López adquire poucas obras sobre Portugal, embora os seus grandes mapas do conjunto do território datem de 1778 e 1780 (?) e a edição ou reedição dos restantes sejam da mesma década ou da década seguinte. Assim, estariam na sua biblioteca: *Tratado completo de Navegação* (Lisboa, 1764), de Francisco Xavier do Rego; *État présent du Royaume de Portugal* (Paris, 1775), de Charles Dumouriez e *Coro das Musas ...*, com 10 mapas (Lisboa, 1792), de Francisco Nascimento Silveira. Complementarmente existiam *Complemento da Recreação Filosofica do Padre Teodoro de Almeida* (1787), de Francisco Girón y Serrano e o texto do *Tratado de Paz com Portugal*, que põe termo à Guerra das Laranjas, de 1801. Nenhum destes títulos é referido nos seus mapas.

Conhecemos uma variante do mapa de Portugal de 1778, sem local e data de edição, mas divulgada por Tomás López em 1782, e incluída pelos seus filhos em várias edições de atlas, entre 1804 e 1830²⁹. Existe também uma edição revista do mapa de 1778, ainda que não esteja datada. À semelhança da anterior, este mapa em oito folhas também é de grandes dimensões (144 x 80 cm), e apresenta a mesma escala de cerca de 1 / 450 000. Comparativamente, este mapa possui dois dados importantes: figura uma tabela com a indicação das distâncias entre várias localidades e indica as léguas de caminho na própria rede viária. Numa nota em português, indica-se que “Este Mappa vai melhorado e corregido com todas as estradas que lhe faltavao na edição de Madrid de 1778, e com as legoas que distam hum lugar do outro nas estradas principaes, e caminhos travesos”.

²⁷ Ver Felicidad PATIER, *La Biblioteca de Tomás López, seguida de la relación de los mapas impresos, con sus cobres, y de los libros del caudal de venta que quedaron a su fallecimiento en Madrid en 1802*, Madrid, Ediciones El Museo Universal, 1992.

²⁸ Sobre a obra cartográfica de Grandpré ver Ana Sofia de Almeida COUTINHO, *Imagens Cartográficas de Portugal na Primeira Metade do Século XVIII*, Porto, Edição da Autora, 2007.

²⁹ Cf. Carmen LÍTER e Francisca SANCHIS BALLESTER, *La obra*, 391.

O comentário parece sugerir tratar-se de uma edição portuguesa ou específica para o público português, até porque é mencionado o local onde era possível adquirir o mapa na cidade de Lisboa, mas também no Porto, Coimbra e Elvas, o que não acontecia na edição anterior. Este exemplar teve uma ampla utilização nas últimas décadas do século XVIII e nas primeiras do século XIX, substituindo mesmo o mapa de Jefferys utilizado até então³⁰.

Tomás López publicou em 1792 um novo atlas de bolso: o *Atlas Geographico del Reyno de España e Islas Adjacentes con una breve Descripcion de sus Provincias*. Em termos gerais, esta nova edição corresponde a uma actualização da de 1757 que tanto sucesso havia obtido. Não será de excluir a hipótese de o autor ter optado por este tipo de publicação com o intuito de maximizar os seus lucros uma vez que disso mesmo dependia a sua actividade de geógrafo/cartógrafo/editor/gravador.

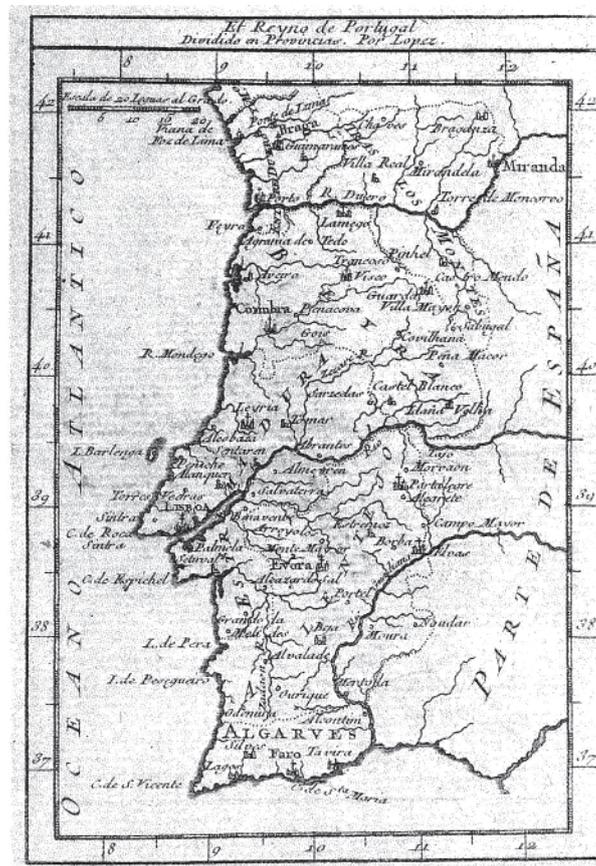


Fig. 4 – *El Reyno de Portugal. Dividido en Provincias*. Por Lopez. – Escala [ca. 1:6 200 000]. – Madrid: [Tomás López], 1792. – 1 mapa : grav., p&b ; 11,5 x 8,0 cm

³⁰ Nos arquivos portugueses existem dois exemplares desta versão, um na cartoteca do Instituto Geográfico Português, entre os mapas antigos, sob a cota nº 48, e com data atribuída de 1780 [?], e um outro exemplar no Arquivo Histórico Militar, com a cota nº 10670.

Quanto ao mapa de Portugal aí inserto, trata-se de um mapa de reduzidas dimensões (12 x 8 cm), numa escala de cerca de 1/6 200 000, o que condiciona o grau de pormenor do mapa (ver figura 4). Assim, não está representado nem identificado qualquer acidente orográfico, não sobrecarregando o fundo do mapa. Por sua vez, a rede hidrográfica figura os cursos principais, mas apenas identifica os rios Douro, Mondego, Zêzere, Tejo, Guadiana e Sado. O povoamento foi figurado por três símbolos diferentes: um conjunto de casas e uma cruz para as sedes de arcebispado e bispado; o mesmo símbolo de bispado, embora sem a cruz evocativa, para as cidades; uma casa e um círculo para as vilas; um círculo para as outras localidades. Finalmente, a linha pontuada foram representados os limites das seis províncias, numa configuração semelhante às propostas pela cartografia do século XVII.

Províncias de Portugal

Como referimos, Tomás López editou em 1762, separadamente, os mapas das seis Províncias de Portugal. Este novo conjunto juntava-se a outras três versões diferentes que circulavam em Portugal naquele ano: a mais antiga, gravada em Lisboa, em 1730, da autoria de Grandpré, inserta na obra *Geografia Histórica...* de Caetano de Lima, em 1736; uma outra, presumivelmente gravada por Laurent, em Paris, ilustrava a segunda edição do *Mapa de Portugal* de Baptista de Castro, editado em 1762; finalmente, uma terceira versão, também gravada em Lisboa mas por João Silvério Carpinetti, mereceu uma edição especial compondo uma espécie de atlas regional de Portugal, também em 1762³¹. Utilizando o mapa da Província de Entre Douro e Minho como representativo do conjunto, poderemos analisar o grau de pormenor cartográfico dos mapas³².

O mapa encontra-se delimitado por uma esquadria externa a negro que, na parte interior, está graduada em valores de latitude e de longitude. Num retângulo que serve de cartela, no canto inferior direito, encontram-se os habituais elementos identificativos do mapa. No canto superior direito, o autor apresenta duas escalas gráficas graduadas em léguas, ambas divididas em sete segmentos, embora a primeira represente as léguas “de uma hora de camiño” e a segunda as léguas de “17¹/₂ al grado”. A escala aproximada é, assim, de ca. 1/334 000, muito diferente e maior que qualquer uma das versões existentes.

O relevo foi representado pelos característicos “montes”, mas neste exemplar não foram assinalados nem identificados os principais acidentes orográficos, tendo o autor indicado apenas alguns “montes” dispersos pelo interior da província. Na configuração da rede hidrográfica, o autor preocupou-se em representar os cursos principais, complementados por outros de menor importância, ainda que nem todos estejam identificados. As localidades foram figuradas recorrendo a três símbolos diferentes: uma espécie de “circuito abaluartado” para as povoações principais; um círculo com um ponto para as restantes localidades e, finalmente, as localidades de Caminha e de Canavezes que foram representadas por um conjunto de casas. Uma característica que se evidencia no mapa é a rede viária, numa configuração muito semelhante à do mapa de Laurent. O autor destacou também o sistema defensivo do vale do Minho, em ambas as margens, e assinalou algumas fortificações galegas na raia seca, nomeadamente Ribadavia, Va. N^a. de los Infantes e Miranda³³.

³¹ Sobre este atlas e seu autor, ver o estudo de Suzanne DAVEAU, “Os *Mappas das Províncias de Portugal*, de J.S. Carpinetti, na História da Cartografia Portuguesa”, in *Mappas das Províncias de Portugal, Novamente abertos, e Estampados em Portugal...*, 2^a edição *fac-simile*, Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1993.

³² Recorremos ao exemplar que se conserva na Biblioteca Pública Municipal do Porto, incluído no já referido atlas que pertenceu ao 1^o Visconde de Balsemão (C – M & A, Pasta 21).

³³ O forte de Vila Nova de los Infantes deveria corresponder ao denominado forte de *Penãfroufe* construído em 1649, não apenas por razões de índole defensiva, mas também por razões de vigilância e controlo de contrabando. O forte de Miranda foi visitado dois anos depois

Na edição do *Atlas Geographico del Reyno de España e Islas Adjacentes con una breve Descripcion de sus Provincias*, editado em 1792, para além do mapa de Portugal, Tomás López incluiu um conjunto de seis mapas das Províncias de Portugal e vistas da cidade de Lisboa, antes do terramoto de 1755. Na realidade, o atlas de 1792 distingue-se do de 1757, pela inclusão destes mapas das províncias e da vista.

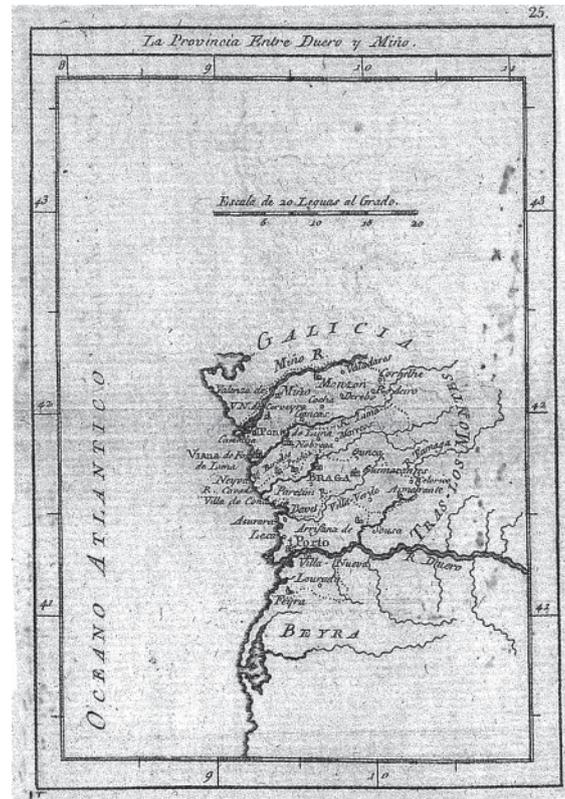


Fig. 5 – *La Provincia Entre Duero y Miño*. – Escala [ca. 1:3 700 000]. – Madrid: [Tomás López], 1792. – 1 mapa : grav., p&b ; 11,5 x 8 cm

Tomando, uma vez mais, o mapa da Província de Entre Douro e Minho como exemplo, procedemos à sua análise um pouco mais detalhada (ver figura 5)³⁴. É um mapa impresso de pequenas dimensões (12 x 8 cm), com uma escala gráfica em léguas de “20 ao grau”, calculando-se em ca. 1 / 3 700 000. Deste modo, o relevo, tal como no mapa de Portugal incluído no atlas, não foi representado. A rede hidrográfica foi simplificada, tendo sido eliminados alguns cursos de água como, por exemplo, o rio Neiva. A figuração das localidades foi simplificada de modo a figurarem apenas aquelas que o autor considerou mais importantes, representadas

(em 1764) por D. José Cornide - aquando da sua avaliação às defesas da raia com Portugal - referindo-se ao antigo castelo de Milmanda, já na época em ruínas (cf. José Ramón SORALUCE BLOND, *Castillos y fortificaciones de Galicia: La arquitectura militar de los siglos XVI - XVIII*, A Coruña, Fundación Pedro Barrié de la Maza, 1985, 190-194).

³⁴ Ver Luís Miguel MOREIRA, *O Entre Douro e Minho em finais do século XVIII: Geografia, Cartografia e História das Populações*, Guimarães, Edição do Autor, 2004.

mediante um conjunto de edifícios; as menos importantes foram cartografadas por um pequeno círculo. O elemento mais interessante é a divisão interna da Província, delimitando-se as comarcas, através de linhas ponteadas. O facto de o atlas incluir mapas de Portugal e suas províncias, pode denunciar uma edição especial para o público português.

Imagens de Lisboa

No atlas de bolso de 1792, acompanhando as imagens referentes a Portugal, Tomás López incluiu um pequeno conjunto de seis vistas da cidade de Lisboa, a saber: “Vista de Lisboa segun estava antes del temblor de tierra; Palacio Real; Plaza del Palacio; La Torre de Belem; Palacio del Conde de Aveiro; Iglesia e Monasterio Real de Belem”.

Tal como os seus mapas, estas imagens urbanas não constituem material original ou inovador, antes parecem corresponder a um reaproveitamento de informação anterior, refeita para o momento e segundo as necessidades editoriais. O terramoto de 1755, que tornara célebre a capital portuguesa, é uma data padrão para criar duas histórias e duas imagens no tempo. López divulga a rica e monumental Lisboa de antes da catástrofe, quando para os seus leitores as imagens mais conhecidas deveriam ser as que, um pouco por toda a Europa, espalharam a cidade destruída pela terra, pelo fogo e pela água.

As fontes mais directas utilizadas pelo cartógrafo espanhol foram seguramente as obras publicadas pelo editor holandês Pieter van der Aa, cerca de 1707, data da subida ao trono de D. João V. Em primeiro lugar, *Les Delices de l’Espagne & du Portugal* de Juan Álvarez de Colmenar (Leiden, 1707 e 1715), onde encontramos insertas, entre duas dezenas referentes a Portugal, as imagens que López divulgará 85 anos depois. Em segundo lugar, o primeiro tomo de *La Galerie Agreeable du Monde...* (Leiden, s.d.), correspondente a Portugal e dedicada ao novo monarca português, “par son très-humble & très-obéissant serviteur Pierre Vander Aa”, onde existe um conjunto de estampas em tudo semelhantes ao anterior³⁵. É o próprio editor, na sequência da dedicatória, quem explica que “[...] par ses soins à recueilli & mis en ordre cet ouvrage, lequel il donne au Public dans une forme commode.” Voltará ainda a fazê-lo numa outra compilação de imagens, editada em Leiden, ca. 1719, *Les Royaumes d’Espagne et de Portugal*, onde uma vez mais as vistas e monumentos de Lisboa se incluem. A qualquer das obras pode López ter ido buscar modelos para preencher o seu atlas.

Mas, sobre as imagens de que falamos, o próprio Van der Aa se serviu de outras mais antigas, como a vista de conjunto de Lisboa, já então clássica, e que vem do protótipo inserto no I volume de *Civitates Orbis Terrarum* de Georg Braun e Franz Hogenberg, desde 1572, e que ao longo de mais de dois séculos conheceu numerosas cópias e variantes. A “Iglesia y Monasterio Real de Belem” recorda a prespectiva do célebre quadro seiscentista de Filipe Lobo, existente no Museu Nacional de Arte Antiga, que terá passado para gravura, e a “Plaza del Palacio” (Terreiro do Paço), a tela de Dirk Stoop, da mesma época, no espólio do Museu da Cidade, em Lisboa. No que respeita ao erradamente designado “Palacio del Conde de Aveiro”, conhecido por Palácio do Corte Real, junto à Ribeira das Naus, paço de D. Pedro II, enquanto regente, e destruído por um incêndio antes do terramoto de 1755, a sua presença nas obras de Van der Aa explica-se no próprio título: “Palais du Comte d’Avero à Lisbonne ou Charles III a été logé”. Entre o apoio dado por Portugal à causa do Arquiduque Carlos de Áustria, na Guerra da Sucessão de Espanha, e a aclamação de D. João V, situam-se as imagens de Lisboa, que López volta a reproduzir na véspera da aliança luso-espanhola contra a França revolucionária.

³⁵ A edição dos 66 volumes da obra compilada por Van der Aa termina em 1729 mas, contrariamente à informação divulgada por algumas das grandes bibliotecas, o seu início será posterior a 1707, e não ca. 1700.

Espaços do Atlântico Sul

Os três mapas à escala local, de espaços do Brasil meridional, gravados por Tomás López, datarão da Primavera de 1777, e divulgam as conquistas de D. Pedro de Ceballos, governador de Buenos Aires, na sua campanha militar contra as posições portuguesas sobre os territórios a Norte do Rio da Prata³⁶. Não era a primeira vez que Ceballos tentava ocupar os três pontos estratégicos da região. Na campanha de 1762, que reflecte do outro lado do Atlântico o final da Guerra dos Sete Anos e a Guerra Fantástica, entre os países ibéricos, Ceballos havia tomado a Colónia do Sacramento e o Rio Grande de São Pedro, devolvidos a Portugal, em 1763 e 1767, respectivamente, na base de acordos diplomáticos.

No final de Fevereiro de 1777, uma nova expedição sai de Buenos Aires, conquista a Colónia e o Rio Grande e ocupa a Ilha de Santa Catarina³⁷. É nesta sequência que López terá realizado os seus mapas, a partir de numerosas imagens espanholas e portuguesas manuscritas, que existiam (e existem) nos arquivos públicos e privados³⁸, mas também das não menos numerosas imagens impressas que corriam entre a cartografia hidrográfica estrangeira, especialmente francesa³⁹. A ilha de Santa Catarina, o Rio Grande de São Pedro e a Colónia do Sacramento eram três lugares estratégicos no litoral do Sul do Brasil, que controlavam extensas redes flúvio marítimas, mas também os territórios complementares.

O *Plano de la Plaza de la Colonia del Sacramento* explica e comemora a tomada da praça por D. Pedro de Ceballos, em 1762, no momento em que o mesmo chefe militar reconquista e torna definitivamente espanhol o incómodo enclave português que na foz do Prata resistira quase um século. A fonte original manuscrita poderá ser um dos mapas elaborados pelo engenheiro francês Jean Barthelemy Havelle, que trabalhando para Portugal à data da conquista espanhola permaneceu na Colónia, executando posteriormente levantamentos cartográficos sob as ordens de Ceballos⁴⁰. Sob a planta encontramos uma pequena carta hidrográfica de enquadramento, figurando o litoral próximo, a *Parte de la Costa Septentrional del Rio de la Plata*, que terá por base um manuscrito de Pedro de Elola, onde se localiza a esquadra espanhola que bloqueou a Colónia do Sacramento, em Maio de 1777⁴¹.

O *Plano de la entrada del Rio Grande de San Pedro* figura detalhadamente a batimetria e as diversas ilhas e canais da parte terminal da extensa Lagoa dos Patos, que aqui comunica com o Atlântico. Uma nota específica várias aspectos da navegabilidade da área. O *Plano de la Isla y Puerto de Santa Catalina* é mais um mapa de enquadramento do litoral onde a ilha se situa, e que se complementa com uma *Vista de la Isla de Sta Catalina por la parte del Este*, no topo do mapa. Existem inspiradoras cartas hidrográficas francesas, uma vez mais de Bellin, mas as fontes cartográficas espanholas mais próximas para a construção do mapa divulga-as López: “Sacado por el extracto, que hizo estampar el año pasado de 1776 D. Cristovao del Canto: habiendo tenido este el que formo el año de 1757 D. Estevan Alvarez del Fierro, en punto maior.” Também do lado português e

³⁶ Ver João Carlos GARCIA coord., *A Nova Lusitânia. Imagens cartográficas do Brasil nas Coleções da Biblioteca Nacional (1700-1822)*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001, 238-239.

³⁷ Ver Juan BEVERINA, *La Expedición de Don Pedro de Ceballos en 1776-1777*, Buenos Aires, Editorial Rioplatense, 1977.

³⁸ Daí a referência às informações da campanha de Ceballos de 1762, no mapa da Colónia do Sacramento.

³⁹ Como é o caso dos mapas incluídos em *Le Petit Atlas Maritime...* de Jacques Nicolas Bellin, II, Paris, 1764. J. N. Bellin é também a fonte directa para Tomás López e Juan López publicarem uma carta hidrográfica dos Açores em 1781, que inclui extenso texto sobre os aspectos naturais e a navegação no arquipélago, bem como mapas de pormenor e vistas dos litorais e dos portos de S. Miguel e da Terceira.

⁴⁰ Segundo Rui CARITA, «A Colónia do Sacramento no Uruguai - Os engenheiros militares na construção da expansão dos séculos XVII e XVIII», *Oceanos*, 28, Lisboa, 1996, 92.

⁴¹ O mapa encontra-se nas colecções da Real Academia de la Historia, em Madrid. Ver Antonio LÓPEZ GÓMEZ e Carmen MANSO PORTO, *Cartografía*, 88.

na sequência do Tratado de Madrid, de 1750, os trabalhos cartográficos nesse extremo sul do Brasil tinham sido profícuos, incluindo a figuração dos espaços do “outro”⁴².

Mas eram imagens avulsas ou destinavam-se os três mapas estampados por Tomás López a acompanhar alguma crónica ou obra apologética da gloriosa campanha militar de D. Pedro de Ceballos, novo Vice-Rei, Governador e Capitão General das Províncias do Rio da Prata, desde 1776?

No entretanto, em Portugal, termina o consulado de Pombal, e Carlos III de Espanha e Maria I, a nova monarca portuguesa, assinam em Setembro de 1777, o Tratado de Santo Ildefonso⁴³. Santa Catarina e a estratégica entrada da Lagoa dos Patos voltarão para os portugueses; a Colónia é definitivamente entregue a Espanha. O tratado, como acordo preliminar, é ratificado em Outubro e, em Março de 1778, é assinado um segundo Tratado do Pardo, que confirma também a cedência, por parte de Portugal, das ilhas de Fernando Pó e de Ano Bom, o que López se encarrega de celebrar através de um novo mapa, o único que gravou sobre o Golfo da Guiné (figura 6).

Assim, ao conjunto referente à América do Sul junta-se uma quarta carta, complementar, por ser o mesmo o enquadramento político da época. Tomás López prepara então e edita em Madrid a *Carta reducida del Golfo de Guinéa donde entre otras islas, esta la de Annobon, y la de Fernando del Pó, cedidas al Rei N.S. por la Reina Fidelisima, en virtud del Artículo XIII del Tratado de Amistad, Garantía y Comercio, concluido entre las dos Cortes en 24 de Marzo de 1778*.

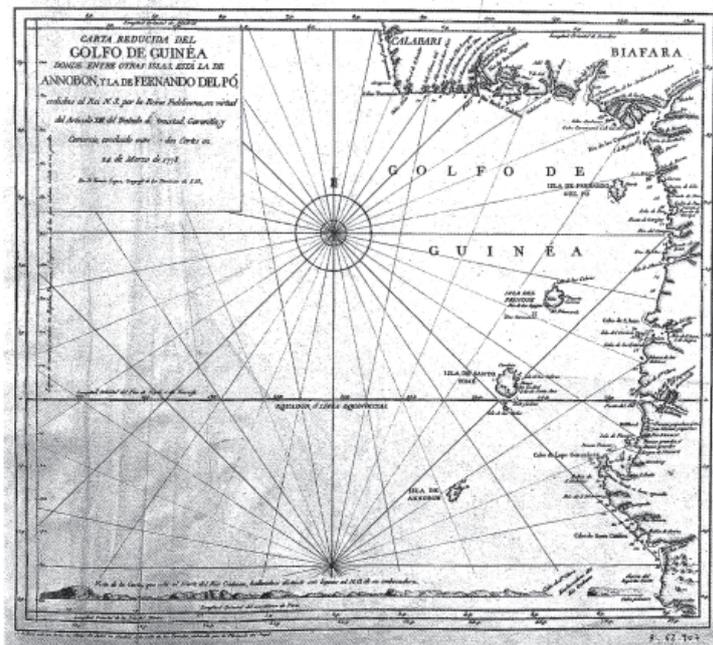


Fig. 6 – *Carta reducida del Golfo de Guinéa donde entre otras islas, esta la de Annobon, y la de Fernando del Pó, cedidas al Rei N.S. por la Reina Fidelisima, en virtud del Artículo XIII del Tratado de Amistad, Garantía y Comercio ... 1778* -. Escala: [ca. 1/ 3 000 000].- Madrid: [Tomás López], 1778.- 1 mapa: grav., p&b; 36 x 39 cm

⁴² Sobre a Cartografia da região platina ver *Portugal en la región platina*, Montevideo, Embajada de Portugal en Montevideo, 2007.

⁴³ Ver Inácio GUERREIRO, coord., *Cartografia e Diplomacia no Brasil do século XVIII*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1997.

Existe na Real Academia de la Historia, em Madrid, um interessante documento autógrafo de López sobre a elaboração desta carta, datado de 19 de Junho de 1778, intitulado *Algunas observaciones geográficas que tienen referencia con la carta reducida del golfo de Guinea*. Nele indica o autor as diversas fontes que consultou, entre mapas e textos. O principal problema encontrado para um correcto desenho do seu mapa é o da diversidade de imagens existentes, correspondendo a cada uma valores das coordenadas geográficas não coincidentes. Diz claramente: “Las latitudes y longitudes de los principales cabos de la costa de Guinea se hallan alterados en varios mapas, por falta de observaciones astronómicas.” E acrescenta: “[...] es preciso comparar los diarios de los navegantes con las observaciones de latitud hechas a la vista de la costa.”⁴⁴ Assim fez. Os roteiros marítimos consultados são sobretudo de navios franceses, e correspondem a viagens efectuadas entre 1701 e 1753: “La Mutine”, 1701; “La Galatea”, 1710; “El Cripidillo”, 1711; “El Grifo”, 1721; “El Africano”, 1725; “El Proteo”, 1753. Às informações daí retiradas haverá que juntar as “observaciones modernas de los portugueses”, conhecedores da área. Sobre os mapas consultados López recorda os de origem holandesa e, entre eles, como o mais utilizado, o de Van Keulen. Trata-se certamente de “Nieuwe en Naauwkeurige Paskaart van de Guineese, Goud, Tand en Slave kust Strekkende van Sierra Liones tot aan Caap Formosa” (1738), mapa inserto no vol. IV de *Die Nieuwe groote ligtende Zee-Fakkel*, de Johannes van Keulen II (c. 1696-1755), publicado em Amesterdão, entre 1716 e 1753. A esta imagem junta as correspondentes de Anthonie Jacobsz. (? – 1679) e de Pieter Goos (1616-1675). O cartógrafo francês consultado foi Jacques Bellin (1703-1722) e, como mapas antigos, referem-se os de *The English Pilot*, na edição de 1732 e de Johannis Loots (1665-1726). De toda esta erudição fica a ideia de uma grave falta de actualização, por parte de López, já que as obras referidas não passam do início dos anos de 1750 e os autores modelo correspondem ao final do século XVII ou primeiro quartel de Setecentos, como concluímos para a maioria dos outros mapas analisados. Seria a bibliografia básica utilizada por López a que adquirira em Paris, até 1759?

3. Recepção, circulação e consumo dos mapas

Na falta de um mapa de base topográfica, a Coroa portuguesa recorreu à utilização de mapas corográficos como “cartografia oficial”. Deste modo, nos finais do século XVIII, os mapas de Tomás López eram amplamente utilizados pelos militares e pelos diplomatas, quer fossem os referentes às províncias, de 1762, quer o mapa de Portugal, de 1778, ou a sua versão revista. A prova está no facto de, em 1793, a Academia Real de Fortificação, Artilharia e Desenho, no intuito de equipar a sua biblioteca e fornecer material de trabalho e de estudo aos seus cadetes, ter encomendado a Jorge Bertrand, livreiro estabelecido em Lisboa, várias cópias do “Mappa de Portugal de D. Thomas Lopez em 8 folhas”⁴⁵.

Anos mais tarde, entre 1797 e 1798, pressentindo uma iminente invasão territorial por parte de Espanha e da França, a Coroa ordenou o reconhecimento da fronteira terrestre portuguesa, o reforço das fortalezas e procedeu à reorganização do Alto Comando Militar. Nesse sentido, foram contratados alguns oficiais alemães, entre os quais o príncipe de Waldeck e o seu ajudante de campo o barão de Wiederhold⁴⁶. Ambos procederam ao reconhecimento da fronteira portuguesa desde a Província da Beira até ao Algarve, recorrendo aos mapas

⁴⁴ Antonio LÓPEZ GÓMEZ e Carmen MANSO PORTO, *Cartografia*, 258.

⁴⁵ Ver a «relação dos livros que compunham o espólio da biblioteca» da Academia Real de Fortificação Artilharia e Desenho, publicada por Manuel Jorge CARVALHO, 1995, 122.

⁴⁶ Ver o estudo de Lívio da Costa GUEDES, «A viagem de Christian, Príncipe de Waldeck, ao Alentejo e ao Algarve descrita pelo Barão Von Wiederhold 1798», *Separata do Boletim do Arquivo Histórico Militar*, 60 (1992), 15-40.

das províncias de Tomás López. Os militares alemães detectaram inúmeros erros e imprecisões mas, na época, continuavam a ser os únicos mapas daquelas regiões⁴⁷.

No mesmo contexto, os militares espanhóis estudavam várias alternativas e itinerários de invasão de Portugal. Desde sempre a instituição militar foi grande utilizadora de material cartográfico, pelo que a invasão de um país teria de ser preparada nos gabinetes utilizando mapas dos territórios por onde os exércitos deveriam passar. Assim, analisando o plano proposto pelo Marechal de Campo D. Benito Pardo de Figueroa, numa acção a partir da Galiza para o Norte de Portugal, em 1797, verificamos que o itinerário proposto e as localidades mencionadas correspondem à informação presente no mapa de Portugal de 1778⁴⁸.

Em 1808, em plena ocupação francesa, foi elaborada por Lourenço Homem da Cunha d'Eça, engenheiro militar português, a *Carta Militar das Principais Estradas de Portugal*, recorrendo ao fundo do mapa de Portugal de Tomás López, de 1778, e nele inscrevendo a rede viária com a indicação, para cada troço, das léguas de caminho e das horas de marcha. Da versão manuscrita do mapa, foram compostas duas versões impressas, uma em português e outra bilingue, português-francês, e gravada por Romão Eloy Almeida⁴⁹.

Em 1841, quando instado a emitir um parecer relativo às condições de defesa do Reino, José Maria das Neves Costa elaborou um esboço (ou minuta) de uma *Carta do Reino de Portugal*, recorrendo ao mapa de López como fundo cartográfico e prolongando, dessa forma, a utilização do mapa do cartógrafo espanhol que só seria, em definitivo, substituída pela *Carta Geographica do Reino*, coordenada por Filipe Folque e publicada pelo Instituto Cartográfico em 1865⁵⁰.

A difusão da obra cartográfica de Tomás López em Portugal, pelas características de divulgação dos mapas e pela fácil aquisição dos exemplares, não se restringe aos círculos militares. São muitas as imagens editadas por López ou seus filhos, que existem hoje nas colecções portuguesas, públicas e privadas. A da Biblioteca Pública Municipal do Porto (BPMP) é uma delas, graças à incorporação do arquivo e da biblioteca dos Viscondes de Balsemão, no início do século XIX⁵¹.

Luís Pinto de Sousa Coutinho, 1º Visconde de Balsemão, administrador colonial, diplomata e político da segunda metade de Setecentos, é um dos mais exemplares casos de ligação entre o poder e a Cartografia. Muito provavelmente proveniente da sua colecção privada de mapas, encontramos na BPMP: a primeira obra elaborada por López, em colaboração com Cruz Cano, o *Mapa Marítimo del Golfo de Mexico e Islas de la America...*, editado em 1755, quando decorriam ainda as campanhas demarcadoras das fronteiras entre os domínios coloniais portugueses e espanhóis, na América do Sul⁵²; o *Mapa Topografico de los Payses y Costas, que forman el Estrecho de Gibraltar*, datado de 1762, quando decorria entre Portugal e Espanha a Guerra Fantástica⁵³; dos reinos de Aragão e de Navarra, territórios sempre problemáticos no quadro da monarquia espanhola, dois mapas editados em 1765 e 1772, respectivamente⁵⁴; e três mapas, assinados por Tomás López e seu filho Juan, de grande escala, referentes às faixas fronteiriças dos Pirenéus, no contextos da Campanha

⁴⁷ Do mesmo se queixariam, anos mais tarde, tanto o Estado Maior francês como o britânico, aquando da Guerra Peninsular (cf. Rodolfo NÚÑEZ DE LAS CUEVAS, «Cartografía Española en el Siglo XVIII», in *Astronomía y Cartografía de los siglos XVIII y XIX*, Madrid, Observatorio Astronómico Nacional e Instituto Geográfico Nacional, 1987, 57).

⁴⁸ Este Plano, que se conserva no Servicio Histórico Militar em Madrid foi, recentemente, traduzido e publicado por António VENTURA, *Planos Espanhóis para a Invasão de Portugal (1797-1801)*, Lisboa, Livros do Horizonte, 2006, 55-70.

⁴⁹ Maria Helena DIAS, *Portugal em vésperas das Invasões Francesas: conhecimento geográfico e configurações*, Lisboa, Instituto Geográfico do Exército, 2007, 8.

⁵⁰ Maria Helena DIAS, *Portugal*, 15.

⁵¹ Ver Luís CABRAL e Maria Adelaide MEIRELES, *Tesouros da Biblioteca Pública Municipal do Porto*, s.l., Edições Inapa, 1998.

⁵² BPMP, Pasta 25 (72).

⁵³ BPMP, C (I) – 1 (42).

⁵⁴ BPMP, Pasta 25 (90) e (88).

do Rossilhão, em que Portugal participou desastrosamente, e na qual Balsemão teve voz activa: *Carta que comprehende el Pais de Labur, la Navarra baxa, y fronteras de Guipuzcoa y del Reyno de Navarra* (1793), *Carta que comprehende la tierra llana del Rosellon, el valle de Espira, Conflan, y frontera de Cataluña* (1793) e *Carta que comprehende parte de Conflan, las dos Cerdanias, Capsir, Valle de Carol, Donezan, pais de Sault, una porcion del Condado de Foix, y fronteras de España* (1794)⁵⁵.

Como já foi referido, existe na BPMP um atlas factício, como muitos que organizavam e vendiam os cartógrafos e editores como os López, constituído por 31 mapas impressos, intitulado *Atlas du Portugal & d'Espagne...* (na página de rosto manuscrita), da autoria de Tomás López e com data de 1778. Aí se reúnem, além de imagens de conjunto dos dois países peninsulares, mapas de cada uma das regiões em que se encontram divididos, a partir do rico e diversificado espólio cartográfico editado nas décadas anteriores por López. Seria inicialmente destinado a um cliente francês e comprado posteriormente por Balsemão, ou sendo para um erudito estrangeiro, impunha-se utilizar o francês como idioma científico? São conhecidos outros atlas compilados por López mas este é um caso exemplar da utilidade e da utilização dos mapas pelos decisores políticos e diplomáticos.

4. Conclusão

No quadro do Século das Luzes e no confronto entre “antigos” e “modernos”, Tomás López toma voz pelos primeiros. O seu projecto editorial e a sua iniciativa na comercialização de atlas e cartas foram, pela sua dimensão, uma novidade e um êxito, mas os métodos e as técnicas utilizadas não o foram. Diz nos seus *Principios geográficos aplicados al uso de los mapas*: “El Geógrafo trabaja en su casa, teniendo a la vista papeles varios de un mismo terreno, que compara, y adapta lo que segundo su buena crítica es mas perfecto. No es ministerio suyo levantar planos particulares, porque para esto hay otra clase de gentes, que no necesita mayor instrucción, que la de llegar a saber hasta la Geometría rectilínea. Si los Geógrafos necesitaran ver y medir la tierra, que comprende sus Mapas, ninguno hubiera podido durante su vida publicar una de las quatro partes de la tierra; y asi que hacen las quatro.”⁵⁶ Assim, à semelhança de muitos outros geógrafos, cartógrafos e editores europeus, López elabora os seus mapas pelo somatório, confrontação e síntese de descrições geográficas e corográficas, e de mapas de escalas e tipos diversos, a denominada Cartografia de gabinete. A “outra classe de gente” são naturalmente os engenheiros, particularmente os militares, que representam os “modernos”, e que defendem uma Cartografia com base no estabelecimento de triangulações e em levantamentos topográficos⁵⁷. O que denominamos hoje por Cartografia científica.

A produção cartográfica de López, sobre espaços portugueses (metropolitanos ou ultramarinos), correspondendo aos momentos de conflito político, diplomático e militar, alimenta o mercado ibérico e mesmo o extra peninsular. Perante a inexistência de um mapa de Portugal elaborado pelos portugueses e em Portugal, a imagem produzida por Tomás López, em 1778, não só substituiu as anteriores publicadas prolificamente, em vários países da Europa, no decorrer da Guerra dos Sete Anos, particularmente em 1762, como será lida e reutilizada até meados do século XIX.

⁵⁵ BPMP, Pasta 25 (105), (104) e Pasta 17 (27).

⁵⁶ Tomás LÓPEZ, vol. II, 1785, 147- 48, citado em Horacio CAPEL, *Geografía*, 1982, 167.

⁵⁷ Ver este tema em torno da figura de Manoel de Azevedo Fortes, na primeira metade do século XVIII, em M. G. FERNANDES, *Manoel de Azevedo Fortes (1660-1749). Cartografia, Cultura e Urbanismo*, Porto, GEDES – Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006.

BIBLIOGRAFIA

ALEGRIA, Maria Fernanda, DAVEAU, Suzanne, GARCIA, João Carlos e RELAÑO, Francesc, «Portuguese Cartography in the Renaissance», in *The History of Cartography*, III, 1, Chicago e Londres, The University of Chicago Press, 2007, 975-1068.

BARBOSA MACHADO, Diogo, *Bibliotheca lusitana historica critica e cronologica*, Lisboa, Antonio Isidoro da Fonseca, I, 1741

BARRENTO, António, *Guerra Fantástica 1762. Portugal, o Conde de Lippe e a Guerra dos Sete Anos*, Lisboa, Tribuna da História, 2006.

BEVERINA, Juan, *La Expedición de Don Pedro de Ceballos en 1776-1777*, Buenos Aires, Editorial Rioplatense, 1977.

CABRAL, Luís e MEIRELES, Maria Adelaide, *Tesouros da Biblioteca Pública Municipal do Porto*, s.l., Edições Inapa, 1998.

CAMPAR, António, *et al Olhar o Mundo, Ler o Território. Uma viagem pelos mapas (colacção Nabais Conde)*, Coimbra, Instituto de Estudos Geográficos, Centro de Estudos Geográficos, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2003.

CAMPOMANES, Pedro Rodríguez, *Viajes por España y Portugal*, José Sanchez Molledo y Juan Nieto Callén (eds.), Madrid, Miraguano Ediciones, 2006.

CAPEL, Horacio, *Geografía y Matemáticas en la España del siglo XVIII*, Barcelona, Oikos-Tau, 1982.

CAPEL, Horacio, GARCÍA, Lurdes, MONCADA, Omar, OLIVÉ, Francesc, QUESADA, Santiago, RODRÍGUEZ, Antonio, SÁNCHEZ, Joan-Eugeni e TELLO, Rosa, *Los Ingenieros Militares en España. Siglo XVIII. Repertorio biográfico e inventario de su labor científica y espacial*, Barcelona, Universitat de Barcelona, 1983.

CAPEL, Horacio, SÁNCHEZ, Joan-Eugeni e MONCADA, Omar, *De Palas a Minerva. La formación científica y la estructura institucional de los ingenieros militares en el siglo XVIII*, Barcelona, Ediciones del Serbal / CSIC, 1988.

CARITA, Rui, «A Colónia do Sacramento no Uruguai – Os engenheiros militares na construção da expansão dos séculos XVII e XVIII», *Oceanos*, 28, (1996), 81-94.

CARVALHO, Manuel Jorge Pereira de, «Objectivos na criação da Academia Real de Fortificação Artilharia e Desenho 1790», *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, 61, (1995), 95-185.

CORTESÃO, Armando e MOTA, Avelino Teixeira da, *Portugaliae Monumenta Cartographica*, IV, Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, Lisboa, 1962.

COUTINHO, Ana-Sofia de Almeida, *Imagens Cartográficas de Portugal na Primeira Metade do Século XVIII*, Dissertação de Mestrado em Estudos Locais e Regionais da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Edição da Autora, 2007.

DAVEAU, Suzanne, «Os *Mappas das Províncias de Portugal*, de J.S. Carpinetti, na História da Cartografia Portuguesa», in *Mappas das Províncias de Portugal, Novamente abertos, e Estampados em Portugal...*, 2ª edição *fac-simile*, Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 1993.

DAVEAU, Suzanne, «O conteúdo geográfico da Descrição do Reino de Portugal», in *Descrição do Reino de Portugal* de Duarte Nunes do Leão, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2002, 63-92.

DIAS, Maria Helena, *Portugalliae Descriptio, do 1º mapa conhecido (1561) ao 1º mapa moderno (1865)*, Lisboa, Instituto Geográfico do Exército, 2006.

DIAS, Maria Helena, *Portugal em vésperas das Invasões Francesas: conhecimento geográfico e configurações*, Lisboa, Instituto Geográfico do Exército, 2007.

DUMOURIEZ, Charles François, *O Reino de Portugal em 1766*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2007.

FERNANDES, Mário Gonçalves (coord.), *Manoel de Azevedo Fortes (1660-1749). Cartografia, Cultura e Urbanismo*, Porto, GEDES – Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006.

GARCIA, João Carlos, «A configuração da fronteira luso-espanhola nos mapas dos séculos XV a XVIII», *Treballs de la Societat Catalana de Geografia*, Barcelona, XI, 41 (1996), 293-321.

GARCIA, João Carlos (coord.), *A Nova Lusitânia. Imagens cartográficas do Brasil nas Coleções da Biblioteca Nacional (1700-1822)*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 2001.

GUEDES, Lívio da Costa, «A viagem de Christian, Príncipe de Waldeck, ao Alentejo e ao Algarve descrita pelo Barão Von Wiederhold 1798», *Separata do Boletim do Arquivo Histórico Militar*, 60, (1992), 15-40.

GUERREIRO, Inácio (dir.), *Cartografia e Diplomacia no Brasil do século XVIII*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1997.

HERNANDO, Agustín, «Panorama cartográfico de la España del siglo XVIII: los mapas creados por Tomás López (1730-1802)», *Mapping. Revista Internacional de Ciencias de la Tierra*, 116 (2007), 14-20.

INSTITUT CARTOGRÀFIC DE CATALUNYA, *La Cartografia dels Països Baixos*, Barcelona, ICC, 1994.

INSTITUT CARTOGRÀFIC DE CATALUNYA, *La Cartografia Francesa*, Barcelona, ICC, 1996.

LAFUENTE, Antonio e MAZUECOS Antonio, *Los Caballeros del Punto Fijo. Ciencia, política y aventura en la expedición geodésica hispanofrancesa al virreinato del Perú en el siglo XVIII*, Barcelona, Ediciones del Serbal / CSIC, 1987.

LÍTER MAYAYO, Carmen, SANCHIS BALLESTER Francisca e HERRERO VIGIL Ana, *Cartografía de España en la Biblioteca Nacional (siglos XVI al XIX)*, 2 vols., Biblioteca Nacional – Ministerio de Cultura, Madrid, 1994.

LÍTER MAYAYO, Carmen e SANCHIS BALLESTER, Francisca, *Tomás López y sus colaboradores*, Madrid, Biblioteca Nacional, 1998.

LÍTER MAYAYO, Carmen; SANCHIS BALLESTER, Francisca, *La obra de Tomás López. Imagen cartográfica del siglo XVIII*, Madrid, Biblioteca Nacional, 2002.

LÓPEZ GÓMEZ, Antonio e MANSO PORTO, Carmen, *Cartografía del siglo XVIII. Tomás López en la Real Academia de la Historia*, Madrid, Real Academia de la Historia, 2006.

MANSO PORTO, Carmen, «La colección de mapas y planos manuscritos de España y los atlas de Tomás López en la Biblioteca Nacional», *Boletín de la Real Academia de la Historia*, CXCIX (2002), 105-116.

MOREIRA, Luís Miguel, *O Entre Douro e Minho em finais do século XVIII: Geografia, Cartografia e História das Populações*, Guimarães, s.n., 2004. Dissertação de Mestrado em História das Populações da Universidade do Minho.

NÚÑEZ DE LAS CUEVAS, Rodolfo, «Cartografía Española en el Siglo XVIII», in *Astronomía y Cartografía de los siglos XVIII y XIX*, Madrid, Observatorio Astronómico Nacional e Instituto Geográfico Nacional, 1987, 53-70.

NÚÑEZ DE LAS CUEVAS, Rodolfo, «Historia de la Cartografía Española», in *La Cartografía de la Península Ibérica i la seva extensió al Continent Americà*, Barcelona, Institut Cartogràfic de Catalunya, 1991, 153-223.

PATIER, Felicidad, *La Biblioteca de Tomás López, seguida de la relación de los mapas impresos, con sus cobres, y de los libros del caudal de venta que quedaron a su fallecimiento en Madrid en 1802*, Madrid, Ediciones El Museo Universal, 1992.

Portugal en la Región Platina. Homenaje a Luís Ferrand de Almeida, Montevideo, Embajada de Portugal en Montevideo, 2007.

RÁKÓCZI, István, «Padre de Escola e Escola de Padres: o contributo de Ignác Szentmártonyi S.I. para o levantamento científico da bacia amazónica», in RÁKÓCZI István, *Mares Literários Luso-Húngaros*, Lisboa, Edições Colibri, 2003, 51-66.

VENTURA, António (org.), *Planos Espanhóis para a Invasão de Portugal (1797-1801)*, Lisboa, Livros do Horizonte, 2006.

[WIEDERHOLD, Barão Von], «A viagem de Christian, Príncipe de Waldeck, pelas Províncias da Beira e da Estremadura descrita pelo Barão Von Wiederhold. 1798», *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, 61 (1995), 153-236.